



CULTURA ÁRABE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL NA FRONTEIRA DE SANTANA DO LIVRAMENTO (BR) E RIVERA (UY)

Cínara Neumann Alves

Marco André Cadoná

RESUMO

Este artigo aborda a presença árabe no comércio da fronteira de Santana do Livramento (BR) e Rivera (UY). Conhecida como Fronteira da Paz e, como outras fronteiras do sul do país, esta fronteira caracteriza-se pela forte atividade comercial e por ter uma presença árabe significativa, mesmo no comércio. Estes fatos empíricos instigaram à uma pesquisa mais aprofundada sobre o tema. Neste interim e sob uma perspectiva Weberiana de análise, procurou-se entender como a cultura árabe, intrínseca no imigrante e descendente de imigrante árabe atuante no comércio e orienta suas ações como comerciante. Como resultado, apresentam-se aspectos da construção do comércio na fronteira em questão e a influência da cultura árabe nesta construção e dinâmica comercial, que resultam no desenvolvimento da fronteira.

Palavras chave: Cultura Árabe, desenvolvimento, fronteira, comércio.

1 INTRODUÇÃO

A presença árabe no Brasil remonta a segunda metade do século XIX, quando imigrantes árabes chegaram especialmente na região Sudeste e, mais especificamente, no estado de São Paulo. Diferentemente dos imigrantes europeus que, em sua maioria, foram integrados nas atividades agrícolas da produção de café, os imigrantes árabes desde que chegaram ao país se integraram em atividades comerciais, na condição de “mascates” (mercadores ambulantes e vendedores “porta a porta”), atividade a partir da qual muitos prosperaram, possibilitando, inclusive, uma participação crescente no comércio da região (TRUZZI, 1997).

A possibilidade de comércio em outras regiões se constituiu num elemento importante de um processo de “interiorização” da imigração árabe a partir do final do século XIX e início do século XX. Foi dentro dessa perspectiva, por exemplo, que, ainda no final do século XIX e atraídos pela produção de borracha, imigrantes árabes passaram a ocupar a região Norte do país, na condição de vendedores itinerantes, condição da qual resultou a designação aos comerciantes árabes – naquela região – de “regatões” – comerciante ambulante, um mascate (TRUZZI, 1997). Nas primeiras décadas do século XX, num contexto de crise da borracha, muitos *regatões* (já bem sucedidos em virtude das atividades comerciais realizadas) não somente prosperaram, mas, também, passaram a comprar



indústrias e estabelecimentos comerciais de imigrantes que já estavam estabelecidos nos centros urbanos da região Norte.

No Sul do Brasil e, em especial, nas fronteiras com outros países do Cone Sul (Argentina Paraguai e Uruguai), a presença árabe está diretamente vinculada com as possibilidades de comércio, em uma dinâmica semelhante como a ocorrida no Norte do país. Assim, a procura de novas possibilidades comerciais foi o atrativo que levou muitos árabes à fronteira (RABOSSI, 2007). Em se tratando da fronteira com o Paraguai, por exemplo, mais especificamente na fronteira entre Foz de Iguazu (Brasil) e *Ciudad del Este* (Paraguai), no início a presença árabe ocorreu dentro do processo de interiorização dos árabes já localizados em São Paulo, que passaram a realizar suas atividades comerciais no território paranaense, chegando até a fronteira (RABOSSI, 2007). A possibilidade de potencializar as atividades comerciais com o Paraguai tornou a fronteira um espaço atrativo, fixando um número crescente de comerciantes árabes; a partir daí, as atividades comerciais não somente destinaram-se ao Paraguai (comercialização de produtos brasileiros em território paraguaio), mas, também, passaram a compreender o comércio de produtos paraguaios em território brasileiro.

As regiões fronteiriças, assim, colocaram-se, na história de expansão dos árabes no Sul do Brasil, como regiões estratégicas, pois, além das oportunidades de um comércio local que foi se constituindo a partir das próprias aglomerações das cidades de fronteira, abriram espaços para a comercialização de produtos brasileiros nos territórios dos países vizinhos, a comercialização de produtos desses outros países no território brasileiro, ou mesmo o aproveitamento dessas regiões como espaços de “fugas” das legislações tributárias para a introdução de produtos com origem de outras regiões do mundo (TRUZZI, 2007; JARDIM, 2000).

No caso da fronteira Santana do Livramento/Rivera, conforme observações empíricas, a presença de árabes no comércio se faz notar tanto no comércio local quanto no comércio internacional que caracteriza aquela fronteira (free-shops). Assim, por exemplo, em Santana do Livramento um dos principais supermercados (Supermercado 300) é de propriedade de família árabe; é simbólico também, que o Free-Shop (Siñeriz), que fica exatamente na fronteira entre Brasil e Uruguai (na rua Sarandi, rua mais frequentada por turistas que para lá se dirigem para realizarem compras), também é de propriedade de família árabe.

Na análise realizada, a abordagem da relação entre cultura e desenvolvimento não implica, necessariamente, em se pensar a cultura como *meio de desenvolvimento*; ou seja,



compreender a cultura como “bens culturais” de um grupo, ou de uma região, que podem ser potencializados visando impulsionar o desenvolvimento (econômico) desse grupo ou região. A cultura é constituinte do ser humano em sociedade; cultura é o um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (CANEDO, 2009). Analisar a relação entre cultura e desenvolvimento, nesse sentido, implica em pensar como esses valores, essas crenças, leis, costumes, hábitos, uma vez interiorizados no comportamento de agentes sociais, servem de orientação para a conduta dos mesmos, seja em suas relações sociais, seja em suas relações políticas e/ou econômicas. Trata-se, portanto, de um esforço de compreensão de como determinados valores culturais condicionam o comportamento social, político e econômico de agentes sociais e, em razão disso, podem implicar na própria dinâmica de desenvolvimento presente no espaço de atuação destes mesmos agentes.

2 METODOLOGIA

Evidentemente, ao pensar a relação entre “cultura árabe” e comportamento econômico de imigrantes e de descendentes de imigrantes árabes numa região fronteira entre o Brasil e o Uruguai não se pressupõe que esses descendentes afirmem um “vínculo puro” (sem influências dos contextos históricos, políticos e culturais nos quais se inserem) com a cultura de origem de seus antepassados. De qualquer forma, as comunidades árabes (assim como as comunidades vinculadas a outras origens étnicas) cultivam valores, tradições, costumes que estão diretamente vinculados com sua cultura de origem. Trata-se, portanto e inclusive, de compreender esse processo de “reprodução cultural”, percebendo que aspectos da cultura árabe se fazem presentes nos modos de agir, de pensar, de sentir da comunidade árabe na região de fronteira objeto de estudo.

Note-se que são muitos os aspectos culturais que, inclusive no senso comum, conforme trabalhos já realizados identificam árabes e comerciantes árabes. Um exemplo disso é o uso da expressão “turco” para, além de pretender agrupar diferentes nacionalidades orientais existentes no Brasil, identificar comerciantes árabes como um agente econômico que tem um discurso maquiador dos produtos que vende, que comercializa produtos que têm qualidade questionável, que insiste para realizar suas vendas, que é avarento.



Porém, outras características culturais estão presentes no comportamento econômico de imigrantes e de descendentes árabes; assim, por exemplo, é comum que os estabelecimentos comerciais de árabes ofertem uma variedade de produtos, tenham uma aparência estética atrativa para os consumidores, tenham a presença de signos que identificam suas origens culturais (muitas vezes a própria vestimenta utilizada pelos comerciantes, os tapetes nas lojas, os quadros presos nas paredes etc.) (PROCÓPIO, 2006; PETERS, 2007).

Não é demais lembrar, também, que a figura do mascate, que define a atuação comercial dos imigrantes árabes no Brasil, desde que chegaram ao País no século XIX, remete a um tipo de agente econômico que possui uma ética de valorização do trabalho, que se sujeita a condições adversas (viagens, comércio em locais desconhecidos, possibilidades de perdas de mercadorias etc.) em nome de uma melhora futura em suas condições econômicas, que realiza poupança, que se vincula a uma rede comunitária (de árabes) como meio de potencializar suas atividades comerciais (TRUZZI, 1997).

Assim, trata-se de compreender as relações entre a cultura árabe e o comportamento econômico de imigrantes e de descendentes árabes. Como a cultura árabe, interiorizada no comportamento desses agentes, orienta suas ações econômicas? É a partir dessa questão que se analisou o comportamento econômico dos comerciantes árabes na fronteira de Santana do Livramento e Rivera e suas contribuições para a própria dinâmica de desenvolvimento do comércio daquela fronteira.

Para a análise de como a cultura árabe, uma vez interiorizada no comportamento econômico de imigrantes e de descendentes de imigrantes árabes que atuam no comércio da fronteira de Santana do Livramento e Rivera, orienta suas ações econômicas, adota-se uma perspectiva teórico-metodológica que se deve, fundamentalmente, à perspectiva weberiana de análise da relação entre cultura e desenvolvimento.

Ao se pensar em cultura e desenvolvimento, sendo a cultura uma dimensão condicionante do desenvolvimento, é inevitável a referência a Weber, quando ele escreve que o desenvolvimento está sim vinculado à cultura, às formas culturais de organização de um determinado grupo ou sociedade e que cultura e desenvolvimento não devem ser pensados como dimensões separadas dentro de uma dada sociedade (WEBER, 1987).

Não é demais indicar que, dentro dessa perspectiva, o próprio Weber desenvolveu um estudo que se tornaria uma referência básica para a compreensão da relação entre cultura e desenvolvimento e para a própria compreensão da dinâmica histórica que condicionou a emergência e o desenvolvimento do capitalismo no Ocidente. Em sua obra “A



ética protestante e o espírito do capitalismo” (2004), Weber argumenta em favor da tese de que a ética e os ideais puritanos vinculados à tradição protestante (em especial, aquela que se desenvolveu a partir de Calvino) influenciaram o desenvolvimento do capitalismo no Ocidente. Ao contrário do catolicismo romano, onde a devoção religiosa estava desvinculada com a intervenção nos assuntos mundanos, a ética calvinista afirmava essa intervenção como meio através do qual os indivíduos poderiam alcançar a salvação espiritual.

Em sua análise, Weber define o “espírito do capitalismo” a partir de ideias e hábitos que favorecem a procura racional do ganho econômico (“ação racional segundo fins”, na qual o agente, tendo em vista fins previamente definidos, utiliza-se dos meios disponíveis e mais adequados para alcançar, com maior êxito possível, o fim perseguido). Embora esse “espírito” não se limite à experiência cultural do Ocidente, foi no Ocidente que ele se desenvolveu e se tornou uma orientação central na condução não somente das ações econômicas, mas, também, na própria estruturação da vida sociocultural. Após definir o “espírito do capitalismo”, Weber argumenta em favor da tese de que suas origens estão nas ideias religiosas que se desenvolveram a partir da Reforma Protestante. Nessa direção, mostrou que certos tipos de protestantismo (em especial o Calvinismo) favoreceram o comportamento econômico racional, dando, inclusive, um significado espiritual e moral para a vida terrena. O Calvinismo, argumenta Weber, desenvolveu a ideia de que as habilidades humanas e os conhecimentos humanos são dádivas divinas e por isso o seu desenvolvimento deve ser incentivado nos indivíduos; a partir da ideia de “predestinação” (segundo a qual há uma definição a priori e divina quanto aos destinos espirituais dos seres humanos, se salvos ou condenados), o Calvinismo afirmou a insegurança existencial do ser humano no mundo e a possibilidade de amenizar essa insegurança através da intervenção (disciplinada e orientada por princípios éticos) no mundo.

Assim, para Weber essa ética religiosa impulsionou nos indivíduos pertencentes às comunidades protestantes um comportamento fundado na disciplina, na abnegação ascética em prol do ganho econômico, no planejamento racional das ações; comportamentos esses que, uma vez interiorizados pelos indivíduos, tornaram-se orientadores dos sentidos de suas ações na sociedade, inclusive na economia. Embora a influência dessa cultura religiosa não possa ser colocada como única causa do desenvolvimento do capitalismo no Ocidente, ela não só não pode ser desprezada como é uma das causas principais daquele desenvolvimento (WEBER, 2004). Pode-se afirmar, nesse sentido e a partir dessa leitura de



Weber sobre as origens do capitalismo no Ocidente, que a cultura faz toda a diferença em dinâmicas de desenvolvimento.

Mas, ao analisar como a ética religiosa de origem protestante orientou o sentido das ações dos indivíduos e, nesse sentido, contribuiu para o desenvolvimento de um “espírito capitalista”, Weber apontou sua preocupação principal enquanto sociólogo, ou seja, sua preocupação em analisar a ação social, entendida essa como a “ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso” (WEBER, 1999, p. 03). Weber, portanto, está preocupado com a “conduta” dos atores sociais; o ator social, indica Weber, orienta subjetivamente suas ações para o comportamento de outro, de outros ou de uma pluralidade indefinida de outros indivíduos. Assim, compreender esse sentido construído subjetivamente é a tarefa da análise sociológica da realidade social.

Esse esforço por compreender os sentidos (subjetivos) das ações dos indivíduos remete Weber à procura de um método de análise, chegando ele a um conceito que se tornou de fundamental importância em sua proposta metodológica: *o conceito de tipo ideal*. O tipo ideal permite a unidade de dois pressupostos centrais na metodologia proposta por Weber, ou seja, o fundamento valorativo e a validade objetiva do conhecimento. O tipo ideal é construção do pesquisador (cientista), construção essa que ocorre tanto para estabelecer o significado cultural de determinados fenômenos quanto para formular proposições empíricas sobre o mesmo. Como afirma Munch (1999, p.193), “um tipo ideal é a seleção arbitrária das características de um fenômeno a partir de inúmeras qualidades presentes na realidade, sem nenhuma tentativa de colocá-lo em uma relação superordenada”; é um modelo, um meio de conhecimento a partir do qual a realidade empírica é investigada, permitindo ao (à) investigador (a) estabelecer aproximações cognitivas entre fenômenos, analisando proximidades e/ou distanciamentos da situação concreta pesquisada em relação ao tipo ideal construído (DOMINGUES, 2000).

O uso do tipo ideal enquanto instrumento metodológico, assim, implica, em primeiro lugar, a construção (pelo cientista) subjetiva (e idealizada) de um curso de ação estritamente racional. Essa construção ideal será utilizada para a comparação com o que realmente se observa na realidade empírica. A partir dessa comparação, então, o cientista tem condições de apontar para aqueles elementos significativos que, na realidade empírica investigada, têm influência no curso dos acontecimentos (WEBER, 2002, p. 74-6).

Portanto, são esses os pressupostos metodológicos, construídos a partir da orientação weberiana, que foram utilizados para analisar o sentido das ações dos



comerciantes de origem árabe em Santana do Livramento/Rivera. Ou seja, a partir da construção de um tipo ideal da ação econômica de comerciantes (considerados na pesquisa como empresários), procurou-se comparar essa definição típica com os comportamentos efetivos e reais dos comerciantes árabes em Santana do Livramento/Rivera e, assim, compreender os elementos significativos que aquela realidade implica e apresenta na ação econômica de imigrantes e de descendentes árabes.

Para análise da problemática proposta, a partir do pressuposto metodológico indicado, os procedimentos de levantamento de dados seguiram duas direções principais: a primeira remeteu à necessidade de uma ampla revisão bibliográfica sobre a cultura árabe, que foi fundamental para a definição de um tipo ideal de ação orientada pelos valores da cultura árabe; a segunda remeteu à necessidade de utilizar-se de algumas técnicas de levantamento de dados que permitiram a observação da realidade empírica estudada. Nessa última direção, então, foram utilizadas duas técnicas de pesquisa: a história de vida e a entrevista.

A história de vida, como indica Brioschi e Trigo (1987) inclui, além da narrativa de vida do próprio entrevistado, documentos pessoais, arquivos de família, álbuns, diários, etc. Este método possibilita ao pesquisador compreender, a partir da reflexão e do ponto de vista do narrador, pontos de sua vida e trajetórias por vezes ocultos em outros métodos. Da mesma forma que o método é histórico, pois quem está relatando volta na história para o momento em que está relatando, é dinâmico, pois apreende as estruturas de relações sociais e os processos de mudança, e também é dialético pois a teoria e a prática constantemente se confrontam durante a investigação (BRIOSCHI e TRIGO, 1987). Assim, as histórias de vida, mesmo sendo particulares, sempre são relatos de práticas sociais; das maneiras com que o indivíduo se relaciona e atua no mundo e na sociedade da qual ele faz parte (BERTAUX, 1980). “O método de história de vida, portanto, procura apreender os elementos gerais contidos nas entrevistas das pessoas, não objetivando, contudo, analisar suas particularidades históricas ou psicodinâmicas” (SPINDOLA e SANTOS, 2003, p. 121).

Na pesquisa, a história de vida foi um “ponto de partida” no trabalho de levantamento de dados e ganhou grande importância na compreensão dos modos de vida e de ação econômica dos árabes; através de fotografias, de relatos, de conversas, de observações, foi possível adentrar na história desses indivíduos e em suas experiências enquanto pertencentes à comunidade árabe daquela fronteira. No conjunto, foram levantados 12 relatos de história de vida, sendo: quatro entrevistados palestinos de primeira geração e cinco de segunda geração; um libanês de segunda geração e dois de terceira geração. Além



dos relatos pessoais dessas pessoas, utilizou-se de blogs montados pela “comunidade árabe” de Santana do Livramento e por outros pesquisadores a fim de resgatar aspectos biográficos para a pesquisa. Importante ressaltar, ainda, que se considera, para fins desta pesquisa, *primeira geração* aquele imigrante que nasceu em outro país e migrou para o Brasil, *segunda geração* seus filhos e *terceira geração* seus netos.

Em relação à entrevista, trata-se de uma técnica em que, como indica Gil (1994), o entrevistador se apresenta ao entrevistado formando perguntas que fazem jus ao que a pesquisa propõe, sendo uma forma de interação social, onde uma parte busca informações e a outra se apresenta como fonte da mesma. No caso da presente dissertação, o tipo de entrevista utilizado foi aquele que é conhecido como “entrevista por pautas” que, como afirma Gil, “apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso” (GIL, 1994, p. 117). Ou seja, tomando-se como base um roteiro de perguntas, o pesquisador conduz um diálogo com todos os pesquisados, procurando obter desses as respostas para o mesmo conjunto de temas considerados no roteiro de entrevista que define a pauta da conversação.

As pessoas que foram entrevistadas foram as mesmas que relataram suas histórias de vida. Após os relatos de história de vida, já com uma compreensão acerca de diferentes aspectos objetivados pela pesquisa, retornou-se ao campo, agora com um roteiro de entrevista. Neste ponto, também foram entrevistados dois membros da comunidade empresarial dos dois municípios, o presidente da Associação Comercial e Industrial de Livramento (ACIL) e o presidente da Associação Comercial e Industrial de Rivera (ACIR). Assim, foram entrevistados, 14 pessoas.

A forma de abordagem, conforme o método de história de vida orienta, foi realizada a partir de um “entrevistado chave”, já com algum contato com a pesquisadora, que indicou outros comerciantes e pessoas que poderiam ser entrevistadas para a pesquisa, e conforme o próprio método indica, esses entrevistados também indicaram outras pessoas, compondo assim o grupo de 14 pessoas. Apenas os dois presidentes das ACI's (Associações Comerciais e Industriais) não foram indicados, mas faziam parte do grupo de entrevistados por sua relevância ao tema.

3 CONSIDERAÇÕES GERAIS

3.1 A presença árabe na fronteira



Seja andando pela rua, na loja de calçados que tem no caixa quadros com *suratas*, no supermercado que possui uma prateleira com produtos árabes e até mesmo nas conversas entre imigrantes na rua, a imigração árabe se mostra na Fronteira da Paz. Porém, não é apenas na fronteira entre Santana do Livramento e Rivera que os árabes se encontram e nem foi a primeira fronteira a receber imigrantes de origem árabe. A imigração árabe para o Brasil teve início no fim do século XIX e começo do século XX (TRUZZI, 1997) e tem sido tema de trabalhos e estudos acadêmicos há alguns anos. Estudos estes que enfocam desde a vinda para a América, a integração e a interação com outras culturas, os aspectos religiosos, a introdução da profissão de mascates, a perspectiva de retorno à terra de origem, a expansão para as regiões de fronteira.

De forma semelhante ao restante do País, a imigração árabe na fronteira entre Santana do Livramento e Rivera ocorreu em dois períodos: o primeiro no fim do século XIX e o segundo a partir de 1948, com a criação do Estado de Israel.

O primeiro fluxo migratório foi composto, basicamente, por imigrantes de origem sírio-libanesa (ASSEF, 2014) e inúmeros foram os motivos que impulsionaram aquele primeiro ciclo migratório, embora a busca por melhores condições de vida tenha se colocado como predominante.

São variados os motivos que levaram os sírio-libaneses a deixar seu país, como o crescimento da agricultura e a diminuição de atividades ligadas ao pastoreio, forçando uma urbanização maior, ao mesmo tempo em que aumenta o controle governamental sobre essa população. Na Grande Síria, a administração pública vai dar preferência a camponeses assentados, que pagavam impostos e que estavam sujeitos ao recrutamento militar. Por outro lado, se o aumento dessa urbanização provocou um crescimento populacional, com o declínio das epidemias e da fome, o crescimento econômico favorecia apenas a uma elite que estava ligada ao governo e aos grandes capitais [...]. A rejeição ao domínio turco-otomano, também pode explicar a saída de algumas famílias, especialmente as cristãs-maronitas. Também tornou-se mais forte a disputa entre cristãos e mulçumanos e entre as seitas maronitas e drusas, que viviam na região montanhosa de monte Líbano (UM OLHAR SOBRE A PRESENÇA ÁRABE NA FRONTEIRA, 23/03/2013, disponível em:<http://jogosdamemoria.blogspot.com.br/2013_03_01_archive.html>).

Os sírio-libaneses residentes na fronteira Santana do Livramento/Rivera chegaram tanto através dos portos brasileiros quanto das capitais do Prata, em especial de Montevidéu; os que vinham de Montevidéu, fixavam residência em Rivera, atuando no



comércio fronteiriço; da mesma forma, os patrícios que chegavam por solo brasileiro, migravam das capitais para os interiores e destes para as zonas fronteiriças, em busca de melhores opções comerciais.

O segundo fluxo migratório, iniciado a partir de 1948, com a criação do estado de Israel, é composto principalmente por palestinos, conforme Roque¹, em entrevista concedida:

Nós vamos falar aqui de árabes não no Brasil, mas na fronteira de Livramento e Rivera. Então, essa migração árabe no Brasil ela passou a ser mais frequente em número a partir dos anos 60, depois do 48, vamos dizer assim, porque aqui nessa fronteira aqui, o maior número de árabes que tem aqui são palestinos, né, o número predominante é de palestinos, são 28 países árabes mais ou menos. Nós temos muito poucos aqui, se eu não me engano tem um ou dois jordanianos aqui, sírios uns dois, libaneses alguns, espalhados aqui pela cidade de Rivera, muito poucos aqui em Livramento, e a maioria palestino, a maioria predominante aqui é palestina, ou seja 95% dos árabes aqui são palestinos né, só pra voltar na questão assim, árabe/palestino né, a gente chama assim: o mundo árabe em que foi dividido em vários países, e aí sim, é sírio-árabe, palestino-árabe, libanês-árabe, volta pro árabe, não é?! Os palestinos passaram a vir pra cá pro Brasil em consequência realmente da guerra, com o conflito árabe-israelense, vamos dizer assim, ou palestino-israelense né, em 48 quando, aí sim Israel, exatamente acabou proclamando lá a independência dessa primeira metade ali e depois tomada a segunda metade, muitos palestinos já saíam em busca, vamos dizer assim, de alternativas né, em função da guerra, instabilidade da região. Então assim, muitos acabaram indo, ahn.... para países árabes assim na volta e outros acabaram sendo influenciados por outros que tinham vindo antes na busca realmente de um estabilidade na vida deles e assim, não que fosse uma ida definitiva, tu entendeste, o sonho sempre foi do ir, tentar se.... buscar o mínimo assim de recursos financeiros e retornar pra terra, tu entendeste? Até que fosse resolvida essa questão, e a questão realmente ela perdurou no tempo. Bom, a primeira etapa foi então em 48, e que aí sim, um grande número de gente começa a sair dali, e depois em 67, aí sim, quando em 67 quando Israel praticamente toma, tomou todo o território, aí sim muitos saíram mesmo e se espalharam realmente pelos países árabes e muitos acabaram sim abandonando e vindo parar. Por que o Brasil? O Brasil, por um lado vamos dizer assim, eu vejo que o governo brasileiro facilitou muito a entrada também entendeste? Não sei se simpatizou com o árabe ou se... por todo o contexto assim do palestino, da situação, acabou havendo certas facilidades assim para que [...] entrasse pra cá (ROQUE, entrevista concedida em dezembro de 2013).

Roque sintetiza como foi o processo de imigração deste segundo fluxo migratório para o Brasil e para a fronteira. Importante salientar que tanto no primeiro, quanto no

¹ Todos os nomes citados são fictícios, para proteger a identidade dos entrevistados, salvo quando se referir a determinada família e quando a fonte não for entrevista concedida à esta pesquisa e sim de fontes secundárias.



segundo fluxo migratório, a perspectiva do retorno a terra de origem era algo presente no pensamento dos imigrantes, e esse também foi um dos motivos para a busca pela atividade comercial, além do fato de a estrutura fundiária já estar definida. Mas o comércio proporcionava um retorno financeiro rápido, o que possibilitava o envio de dinheiro para as famílias e a criação de uma poupança.

Bem, a presença árabe, conforme histórias relatadas para a pesquisa e também conforme trabalhos já publicados, se intensifica em determinadas regiões, incluindo as fronteiras também por uma questão de aproximação. De um modo geral, as histórias que afirmam a vinda desses imigrantes em função dos conflitos no Oriente Médio, em busca de um País onde pudessem melhorar suas condições financeiras, com uma perspectiva de retorno para seus países de origem. As atividades comerciais colocam-se como atividades dessas famílias em algum momento de suas trajetórias de imigrantes; seja como uma atividade já imaginada e planejada antes da vinda para o Brasil, seja como atividade que se coloca já quando estão aqui residindo, como resultado de relações com outros imigrantes, de modo geral familiares. Eis, nesse sentido, outra característica evidenciada nas histórias relatadas, pois todos os entrevistados indicaram que a presença de outros imigrantes sempre se colocou como um fator de importância para a definição de um local para morar e atuar profissionalmente.

3.2 A visão dos comerciantes árabes sobre o desenvolvimento da fronteira.

A visão sobre o desenvolvimento da fronteira de Santana do Livramento/Rivera, pela maioria dos comerciantes de origem árabe entrevistados, se assemelha muito ao conceito mais antigo de desenvolvimento, que está diretamente associado ao crescimento econômico. A forma de influência no desenvolvimento da fronteira vista por esse comerciantes é através da geração de empregos e do pagamento de impostos, excluindo-se às vezes a participação na sociedade. “Sem contar que claro, o comércio gera empregos, gera impostos, e isso faz com que a cidade tenha uma [...] tenha um crescimento” (MÁRIO, entrevista concedida em dezembro de 2013).

Mas esta pareceu ser também uma visão de quem tem pouco contato com o comércio, como é o caso de Mário ou do imigrante de primeira geração que veio para o Brasil quase adulto e é praticante do comércio mais simples. Aquele comerciante que está mais integrado na sociedade fronteiriça tem uma visão um pouco diferenciada do que esta que apresenta a influência como apenas geração de empregos e impostos.



O árabe que vem e investe aqui, ele vem, se instala, forma o comércio dele, compra a casa dele, ou seja, emprega gente pra casa, emprega gente dentro comércio dele e está sempre buscando o crescimento, eu cresci e não significa que vou manter ahn [...] pelo menos é o pensamento quase da maioria... eu abri uma loja, a loja funcionou, eu já busco um outro ponto, e com isso eu estou, vou gerar mais empregos entendeste? E sigo investindo aqui (ROQUE, entrevista concedida em dezembro de 2013).

Roque fala neste momento de exemplos de grandes empresas que se instalam no município, sugam tudo o que o município oferece, mas os lucros não são reinvestidos na sociedade local, na economia local. Este exemplo é muito comum no ramo industrial, a exemplo do próprio frigorífico Swift Armour e toda a sua história na fronteira. Mas essas situações também podem acontecer no comércio, com grandes empresas que no fim do dia mandam seus lucros para outros locais; e que o árabe, embora venha de uma terra distante, reinveste na fronteira e faz dela seu lar.

A vinda do árabe veio e ficou, e investiu e melhorou [...] e os filhos também por que [...] olha só a diferença de pensamento, vamos dizer assim, pra segunda geração, eu não sou de segunda geração, mas é como se fosse segunda geração, porque eu vim pequeno e já vim, como tinha te dito, com o barco já andando. Então assim, o pensamento do meu pai, e do meu tio e também, a gente estava tudo em família, de que, já que eles sofreram no comércio, mesmo que eles tenham crescido muito, 'então a próxima geração nossa, não pode ser que nem nós', a próxima geração vai ter que se inserir no contexto da sociedade e vai pertencer a essa sociedade, no sentido de que? De ter que estudar [...] (ROQUE, entrevista concedida em dezembro de 2013).

Situação que também está refletida no trabalho de Peters (2006):

Com isso, atualmente, a faculdade aparece como uma continuidade imposta para que se consiga boas posições no mercado de trabalho e também explica por que os mais velhos não têm uma formação universitária. Além disso, o trabalho na loja pode ser aprendido na prática e garante boas condições de vida para o sujeito sem que ele precise ter uma profissão regulamentada. Entre os cursos valorizados pelas famílias palestinas está em primeiro lugar o curso de medicina e depois o curso de direito. Essas opções possibilitam, no ponto de vista dos pais comerciantes, que o filho priorize a profissão e não o trabalho no comércio (PETERS, 2006, p. 63-64).

Desde a primeira geração do primeiro fluxo migratório, que deu a forma do comércio fronteiriço, a presença árabe tem influenciado no desenvolvimento de Livramento/Rivera, principalmente com a atuação no comércio, mas também não é esta a única contribuição. Como fala Roque, que teve como exemplos seus pais que sofreram muito e ao mesmo



tempo cresceram, mas que queriam para ele (a segunda geração) algo diferente, o estudo, pois ela tinha a responsabilidade de ter mais sucesso que eles, que iria se integrar e assim por diante. Roque vê o desenvolvimento do município de forma positiva quanto à questão turística, mas que é preciso pensar no município de forma global e que o Uruguai tem realizado pesados investimentos no seu lado da fronteira.

Mário afirma que o comércio, o comércio de árabe contribuiu muito para o desenvolvimento da fronteira:

Eu acho que com certeza o comércio contribuiu muito, e os árabes foram os que alavancaram o comércio, pelo menos o de roupa né [...]. Depois o 300 com o supermercado, que também sempre foi um supermercado forte aqui em Santana do Livramento. E logo que abriu o free-shop uruguaio, os pioneiros do free-shop foi o 300 né, família palestina que abriu o Siñeriz, hoje é o primeiro shopping que tem na fronteira, também é de um palestino, quer dizer, de uma família de palestinos, que são árabes e que são né, que influenciam bastante no comércio da fronteira né [...]. Eles mobilizam muito capital e produzem muitos empregos pra Santana do Livramento. Eu acho que é uma contribuição né, um tipo de contribuição, pra cultura, pro comércio e pro desenvolvimento da cidade (MÁRIO, entrevista concedida em dezembro de 2013).

Esta presença e esta contribuição também parecem claras para Rafael, presidente da ACIL, que fala que os árabes sempre estiveram presentes na fronteira e sempre estiveram no comércio; fala, por exemplo, da Casa Salim que funcionou no município de Santana do Livramento desde 1912 até 2010; também fala do preconceito existente para com essa presença no comércio, que há uma dúvida de quão legais são estes estabelecimentos e quão comprometidos estariam com a fronteira, mas que muito deles tem muito a ensinar aos comerciantes tradicionais e à sociedade fronteiriça. “Mas muitos de nós deveríamos aprender com os ‘turcos’, pra gente mudar a nossa concepção de negócio também, criticamos como eu já disse, mas vamos ver tudo o que eles já fizeram, tudo o que eles já empreenderam [...]” (RAFAEL, entrevista concedida em novembro de 2013).

O compromisso com o local em que se está inserido aparece também na entrevista com Manuel, presidente da ACIR, que crê que o desenvolvimento de uma localidade não pode ser atribuído a uma etnia, mas que o mesmo depende do nível de compromisso que cada um tem com a sociedade a que pertence: “Lo importante es el nivel de compromiso que cada uno tenga em la ciudad que decidiu venirse a vivir o fijarlas raíces, tanto Livramento como Rivera...” (MANUEL, entrevista concedida em janeiro de 2014).



A ideia do compromisso de qualquer um que queira contribuir para o desenvolvimento da fronteira também aparece na entrevista de Maria, que diz que qualquer um que vá para a fronteira e que de alguma forma gere algo positivo, está contribuindo de alguma forma. Se essa contribuição é benéfica a longo prazo, não há como dizer, mas acredita que sim. Maria também fala que existe uma diferença quanto ao tipo de imigrante que vai para a fronteira; ela se refere àqueles que vão para a fronteira querendo ali permanecer, criar raízes e se integrar e aquele que vê a fronteira apenas como oportunidade pontual, que não fixa raízes, que ora está em Livramento, ora está em Rivera, que se muda conforme a necessidade. Para ela, esse migrante não vê o aspecto do desenvolvimento, pois, ainda que o dinheiro circule, ele contribui para o crescimento econômico, não para o desenvolvimento. Assim, ela acredita que o que irá desenvolver Santana do Livramento são a agricultura e investimentos como a Usina Eólica de Cerro Chato.

Mas a visão acerca do desenvolvimento da fronteira vai mudando conforme as entrevistas; para Renato, por exemplo, hoje a região está estagnada, no sentido de falta de visão empreendedora.

Aqui nessa região existe uma limitação muito grande, o pessoal não tem visão, tem empresas que não ligam a luz pra não gastar luz e ficam se queixando de que não tem venda, então o pessoal chega... e existem 40 lojas com um produto ele vai e abre a 41ª com o mesmo produto e vai se lamentar que está ruim [...] Então aqui eu vejo que nós temos uma região muito próspera e zero de iniciativa pra desenvolvimento [...] Aqui nós temos um açucareiro aberto (aponta em direção a Rivera), as formigas vem e nós fechamos as portas para as formigas (RENATO, entrevista concedida em janeiro de 2014).

Existe muita inércia, existe muito individualismo, então eu hoje trabalho pelas minhas empresas em primeiro lugar, pela minha família, mas eu também acompanho o trabalho da ACIL como vice-presidente, faço parte de uma comissão da Santa Casa, pra angariar fundos pra Santa Casa, tenho vários trabalhos filantrópicos, por que se tu tem energia e tem capacidade, tu tem que rotular o teu dia com 24h e começar a fatiar, tu não pode só querer tirar o suco e largar o sabugo na rua, como todo mundo faz, não [...]. Então, o que eu vejo aqui é que o pessoal é muito limitado, não aproveita esse desenvolvimento que Rivera, esse público que Rivera traz pra nós (RENATO, entrevista concedida em janeiro de 2014).

Renato demonstra ser um empresário com esta visão mais empreendedora na fronteira, atua em organizações da sociedade e para a sociedade, em prol de um desenvolvimento econômico da fronteira. E critica quem não trabalha em prol deste



desenvolvimento e não enxerga que o mesmo trará o desenvolvimento de sua própria empresa.

Para João, o desenvolvimento na fronteira se enquadra em uma maior responsabilidade e numa maior capacitação dos gestores públicos, secretarias municipais cumprindo com suas devidas funções; acredita que os free-shops no Brasil serão benéficos para a fronteira. Ele ressalta, nesta questão dos free-shops, o papel das entidades para a concretização do projeto, que, além de beneficiar a fronteira de Santana do Livramento/Rivera, beneficia mais nove cidades-gêmeas no estado do Rio Grande do Sul e tantas outras fronteiras do país, “sendo um projeto liderado por Santana do Livramento e Chuí”. João também apresenta uma visão semelhante a de Roque quando fala a respeito das empresas e do comércio de árabes na fronteira, colocando sua própria empresa como exemplo de ser 100% santanense.

Desta forma, a presença destas empresas influencia na arrecadação do município e impede que outras organizações se instalem no município e destinem seus lucros para outras localidades. Também faz referência à participação pessoal em organizações da sociedade civil, como o CDL, do qual é presidente e contribui com o desenvolvimento de entidades que irão colaborar com o desenvolvimento da fronteira.

Sobre esta fase dos free-shops em Santana do Livramento, Manuel pensa ser um momento importante para a fronteira, que “nos podemos desenvolver como um polo comercial mucho más importante” (MANUEL, entrevista concedida em janeiro de 2014) e que se tenha mais a participação da comunidade.

Sobre a influência da presença árabe e da cultura árabe na fronteira para o desenvolvimento da região duas falas merecem destaque, sendo utilizadas para encerrar a reflexão apresentada neste capítulo: uma que remete a visões segundo as quais “aonde o árabe vai ele tenta fazer com que aquele lugar seja sua terra, sua pátria, e então ele vai batalhar para crescer e para que o local cresça também”; a outra, que reflete o sentimento de que tudo o que é feito em prol do crescimento e do desenvolvimento do seu próprio negócio vai refletir na comunidade local.

O árabe ele tem o seguinte, aonde ele chega ele quer que aquele local seja o melhor possível, aquilo ali como fosse sua terra, aquilo ali como fosse o seu. Se tu conversar com toda a colônia aqui tu tem certeza que toda colônia quer ver Santana do Livramento no topo, melhor cidade do estado, então, ele tem essa característica de ajudar, de contribuir para o desenvolvimento [enquanto se desenvolve acaba desenvolvendo o local que está] na mesma coisa, na mesma proporção que ele quer que seu



negócio cresça, ele quer que a comunidade também cresça (TIAGO, entrevista concedida em janeiro de 2014).

Daquilo que tu ganha tu tem que retribuir alguma coisa pra comunidade, então isso faz com que tu desenvolva [...] essa característica o árabe tem, de ajudar, de promover, de desenvolver, então dentro das suas atividades sempre tem aquela contribuição e aquela retribuição e isso faz com que vá girando, é uma roda que vai girando, um pouquinho da tua contribuição, um pouquinho da minha, um pouquinho da dela, um pouquinho do fulano, nós fizemos a roda andar [...] (TIAGO, entrevista concedida em janeiro de 2014).

Estas duas falas de Tiago expressam um sentimento de “bem querer” para com a fronteira, para com a terra escolhida para a construção de suas vidas. Seria esta fala uma referência importante para compreender a contribuição da cultura árabe ao desenvolvimento da fronteira; mas, como visto, e como Roque mesmo falou, “o árabe vem para quebrar tudo quanto é regra”, e ele quebra. Seria um falso testemunho informar que todos pensam, agem e contribuem de uma mesma maneira, as mudanças são constantes, muda tudo o tempo todo, e esta é a complexidade da análise.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como em outras localidades do país, a presença árabe na fronteira iniciou no final do século XIX e início do século XX. Os imigrantes desse período (que neste trabalho chamou-se de primeiro fluxo migratório) em sua maioria eram sírio-libaneses, que chegavam ao Brasil através do porto de Santos. Outra porta de entrada para esses imigrantes era o Uruguai, já que a imigração sírio-libanesa também foi intensa no país e, assim como os imigrantes que chegavam ao Brasil, viram a fronteira como uma região próspera para atividades comerciais e migravam da capital oriental para a fronteira. Esse fluxo migratório de sírio-libaneses foi o que iniciou o comércio na fronteira, desde o trabalho como mascates e a instalação dos primeiros estabelecimentos comerciais.

Importante ressaltar que os primeiros imigrantes que, de fato, chegaram à fronteira foram os libaneses, chegando pelo porto de Montevideú, ainda em meados de 1860; portanto, anterior à imigração vinda pelo porto de Santos, mesmo porque os imigrantes que no Brasil chegaram primeiro foram para outras localidades e depois rumaram para a



fronteira. Como o Uruguai estava formando povoados e cidades por toda a sua fronteira neste mesmo período, com o intuito de conter o avanço português, logo, muitos investimentos de infraestrutura foram destinados a esses locais. Rivera foi uma das primeiras destas cidades a ter ferrovia, o que era um avanço significativo que facilitava e muito a conexão com a capital.

Estes fatos não foram muito abordados na introdução, onde foram apresentadas as motivações da migração para as fronteiras pelos imigrantes árabes, mas foram fatos que apareceram ao longo da pesquisa, através das próprias histórias de vida e do material bibliográfico pesquisado. Mas, enfim, o que se percebe sobre esse primeiro fluxo migratório que já está na terceira geração, é que ele já está completamente integrado na fronteira, tanto que às vezes se desconhece que certos estabelecimentos comerciais são de descendentes de árabes. E esses próprios descendentes não se enxergam como árabes, pois tiveram longa participação na construção do comércio da fronteira e no seu próprio desenvolvimento.

O segundo fluxo migratório iniciou já em meados do século XX, sendo mais intenso a partir de 1948, com a criação do Estado de Israel, e depois em 1967, com o avanço territorial de Israel. Este fluxo foi composto principalmente de Palestinos que emigravam para o Brasil, chegando às capitais e se espalhando para o interior do país. E do interior começaram a procurar as fronteiras por enxergarem nela oportunidades comerciais. Assim como os sírio-libaneses, os imigrantes palestinos exerceram a profissão de mascates vendendo seus produtos nas estâncias da região. Trabalhavam de mala, como os imigrantes mais antigos de primeira geração gostam de lembrar, vendiam faquinhas, roupas, e utensílios domésticos que eram escassos no interior, ou em “campanha” como os fronteirões falam.

Na fronteira de Santana do Livramento/Rivera, os palestinos estão em um processo de integração com a comunidade, ainda que se perceba que a primeira geração desses imigrantes ainda é uma geração reservada, que se integra na sociedade fronteiriça ao poucos, com certa timidez, aproxima-se mais de seus patrícios do que da comunidade fronteiriça de outras origens. Ela ainda preza seus valores adquiridos lá na terra natal. A segunda geração deste fluxo é mais dinâmica, se integra mais em sociedade, atua no comércio, mas também atua em outras profissões; participa da vida social, política e econômica da fronteira; luta pelo desenvolvimento econômico da mesma. A terceira geração deste fluxo ainda está nascendo, então não é possível definir uma característica a respeito da mesma.



O objetivo do trabalho foi, a partir de uma perspectiva weberiana, compreender o tipo de comerciante árabe que atua na fronteira entre Santana do Livramento e Rivera e como esse comerciante, orientado por sua cultura, interfere na dinâmica socioeconômica daquela região. Procurou-se, para isso, estabelecer um curso de ação racional para um comerciante, partindo, para tanto, de referências que se constituíram a partir das contribuições do próprio Weber, mas, também, do conceito de empresário, tal como aparece na obra de Schumpeter; empresário, que na visão desse teórico, não é somente capitalista, pois precisa ser empreendedor.

O comerciante árabe tem algumas características que estão presentes (independente da geração e da origem – se libanesa ou palestina). Ele é um comerciante que está sempre atento às negociações comerciais, ele pratica o comércio com base na negociação, da pechincha, da melhor oferta, da valorização do cliente. Ele gosta do negócio popular e valoriza o trabalho, mas a característica mais marcante presente no comerciante árabe é a valorização da sua família. O “comércio” é para a família.

A primeira geração de imigrantes árabes, seja libanesa ou palestina, talvez seja a que mais se aproxima do tipo de comerciante árabe que está no imaginário do senso comum, e também do tipo ideal de comerciante de origem árabe, ele pratica um comércio mais simples, com uma negociação simples, sem muita sofisticação, ele compra o produto por \$5 e vende por \$6, nem sempre seus produtos são vistos como produtos de boa qualidade e isso aparece em elementos mencionados nas entrevistas. Ele trabalha de domingo a domingo e trabalha com muitas mercadorias, e com a mercadoria que estiver vendendo no momento. Em Santana do Livramento, por exemplo, boa parte do comércio que vende jaquetas, ventiladores, cobertores é de propriedade de imigrantes árabes de primeira geração. É claro que não é possível mais encontrar um comércio de primeira geração do primeiro fluxo migratório, que já está em sua terceira geração, mas sabe-se pelas entrevistas que o tipo de ação no comércio era o mesmo. A primeira geração é aquela que também tem acima de tudo a família, todas as histórias ouvidas reforçam essa teoria. A abertura do comércio, o início como mascate, o trabalho de sol a sol é pela família, o dever de sustento e de providência familiar é muito forte entre os árabes, então essa gana pelo “fazer das certo” de qualquer maneira é pela família.

Conforme Schumpeter (1997), o empresário (e aqui o comerciante é tomado como um empresário) deve necessariamente ser um empreendedor. O autor, em determinado momento de sua obra, questiona sobre o fato de todo empresário ser um capitalista, mas nem todo capitalista é um empresário; e fala ainda que após a Revolução Industrial todos os



capitalistas poderiam ser considerados empresários e o eram, todos eles estavam inovando, estavam empreendendo. Esta reflexão é importante para a compreensão de todos os discursos das entrevistas.

Esta primeira geração, em especial os sírio-libaneses, se encaixa no curso ideal de ação do empresário traçado por Schumpeter, pois no momento em que os mesmos migraram para a fronteira, seja partindo de Montevideu ou do Porto de Santos e se dedicaram a profissão de mascates, vendendo na fronteira, em especial na Campanha, por ver ali uma possibilidade de iniciar uma nova vida, com um retorno financeiro rápido, eles estavam empreendendo, estavam inovando e caracterizaram um tipo de atividade comercial naquela região. E posteriormente, quando esta geração abre suas casas comerciais (novamente, seja palestino ou sírio-libanês) ela também inova, empreende e caracteriza o comércio na fronteira.

A segunda geração já é uma geração que se distancia um pouco da primeira geração na forma como faz comércio. Ela cultiva ainda a negociação, mas a negociação de um ponto de vista estratégico e mais elaborado. Ela procura as melhores opções de investimento, ela procura se aperfeiçoar enquanto comerciante, e fazendo isso ela busca também aperfeiçoar seus pares. Ela mantém valores que são passados de geração em geração, como a família, o dever para com a família, mas ela já age de uma maneira diferente. Ela busca modernizar o comércio, ela busca as melhores oportunidades. E isso também se aplica aos dois fluxos migratórios, porém há uma diferença de tempo entre a atuação das duas gerações (a segunda do primeiro fluxo e a segunda do segundo fluxo) a segunda geração do primeiro fluxo migratório atuou fortemente no comércio quando a primeira geração do segundo fluxo estava chegando à fronteira. Era uma época diferente naquele ambiente. E neste interim, a segunda geração também tem um curso de ação empreendedor, na acepção de Schumpeter. O interessante neste caso é que a segunda geração já se aproxima mais do tipo ideal no que tange o curso de ação do empresário do que a primeira, neste período a primeira geração já não está em um período empreendedor. O que fica muito claro na entrevista de Renato, por exemplo, que se mostra um dos entrevistados que mais se aproxima do conceito de empresário apontado por Schumpeter, mas que também mantém suas raízes orientadas pela sua cultura.

A terceira geração que se apresenta em Santana do Livramento/Rivera é descendente do primeiro fluxo migratório e ela é a que se distingue mais das outras e do tipo ideal de comerciante apresentado. Ela já não possui tantas características capazes de diferencia-la como árabe; ela pouco se reconhece como árabe, está integrada no ambiente



fronteiriço, ela é fronteiriça e, desta forma, o comércio em que ela atua já não tem características de comércio árabe. Bem como o seu curso de ação enquanto comerciante, este comerciante de terceira geração já não apresenta uma característica tão empreendedora quanto seus antepassados ou os seus patrícios. Apresenta características dos comerciantes tradicionais, e isso reflete no seu comércio.

A terceira geração do segundo fluxo migratório se comportará economicamente semelhante a seus pais e avós, mas provavelmente será diferente da segunda geração, ela será uma geração mais integrada com a comunidade fronteiriça, tal qual a terceira geração do primeiro fluxo migratório, mas também será diferente deste.

Como visto no capítulo quatro, a visão sobre desenvolvimento pelos comerciantes de origem árabe é uma visão de desenvolvimento econômico, voltada para o crescimento econômico, e que a partir deste crescimento ela poderá desenvolver outras áreas, como social, ambiental. Mas essa visão também muda conforme a geração e conforme a participação do comerciante árabe na vida socioeconômica do município. A primeira geração tem uma visão mais simplista do desenvolvimento e da sua própria participação no processo. Ela vê sua participação na geração de empregos e pagamento de impostos apenas. Ela não se vê muito como um ator social que tem um papel protagonista no desenvolvimento.

A segunda geração, em geral, tem uma visão mais complexa do desenvolvimento e da sua participação no processo. Ela é mais empreendedora, ela busca crescer no seu negócio também com o intuito de fazer o município crescer. Ela participa de organizações da sociedade civil que buscam o desenvolvimento do município, mesmo que o desenvolvimento que o município busque também seja voltado ao econômico. A segunda geração tem um comportamento que se assemelha mais ao *ethos* do empresário capitalista assinalado por Weber (2001). Enquanto que a terceira geração parece ter uma participação mais tímida e mais centrada no próprio crescimento econômico.

A influência da presença árabe no desenvolvimento da fronteira em Santana do Livramento/Rivera, não é uma influência revolucionária, ela não promove grandes mudanças, mas ela muda. Roque disse na sua entrevista que “o árabe vem para quebrar tudo quanto é regra” e ele quebra; e mais, a regra dele é quase como não ter regra nenhuma. Ele vem para o Brasil, para o Uruguai, enfim, ele sai de seu país para “fazer dar certo” e ele faz, em tempos diferentes, de maneiras diferentes, ético, não ético, formal, informal. De qualquer maneira, ele faz. A atuação do comerciante árabe não é orientada para um único curso, mas sim para o curso que dê certo, e talvez este seja o motivo de



mudar tanto de geração para geração, de fluxo para fluxo e assim por diante, porque assim como os tempos mudam, o quadro social e econômico global também muda, a política local muda, a ação deste comerciante vai mudar também.

O árabe que veio no fim do século XIX empreendeu, modificou estruturas e contribuiu para o desenvolvimento da região naquele período. A segunda geração deste fluxo também contribuiu e junto com a primeira geração do segundo fluxo migratório deu a identidade e a forma do comércio de Santana do Livramento e Rivera. A segunda geração deste segundo fluxo está contribuindo para o desenvolvimento da fronteira, talvez não da forma como seria o desenvolvimento “ideal”, é verdade, é uma contribuição para o desenvolvimento econômico, mas contribui e influencia no mesmo, na dinâmica socioeconômica da fronteira.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Vera do Prado Lima. **Armour**: uma aposta no Pampa. Sant’Ana do Livramento: Gráfica Pallotti, 2000.

BERTAUX, D. **L’approche Biographique**: Sa Valitémethodologique, Cahiersint Sociol. 1980, 69, p. 197 – 225.

BRIOSCHI, L. R.; TRIGO, M. H. B. Relatos de vida em Ciências Sociais: considerações metodológicas. Ciênc. Cult. 1987, 39 (7), p. 631 – 7.

CANEDO, Daniele. **“Cultura é o que?”**. Reflexões sobre os conceitos de cultura e atuações dos governos públicos. V Encontro Multidisciplinar em Cultura, Salvador, 2009.

DOMINGUES, José M. **A cidade: racionalização e liberdade em Max Weber**. In: SOUZA, J. (Org.). A atualidade de Max Weber. Brasília: Ed. UNB, 2000.

FERSAN, Eliane. **Os imigrantes sírio-libaneses no Brasil entre 1920 e 1926. Percepção do corpo consular francês**. In: JARDIM, Denise Fagundes; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. Os árabes e suas Américas. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

JARDIM, Denise Fagundes. **Palestinos no extremo-sul do Brasil**: identidade étnica e os mecanismos sociais de produção da etnicidade. 2000, 498 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MUNCH, Richard. **A teoria parsoniana hoje**: a busca de uma nova síntese. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Orgs.). Teoria social hoje. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.



PETERS, Roberta. **Imigrantes palestinos, famílias árabes: um estudo antropológico sobre a recriação das tradições através das festas e rituais de casamento.** 2006. 136 f. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) – UFRGS, Porto Alegre.

_____. **Imigrantes Palestinos no Estado do Rio Grande do Sul: Uma análise dos Aspectos Políticos e Identários Expressos no Ritual de Casamento.** Memória Social, Cultura e Identidade, vol. 1, junho 2007.

PROCÓPIO, Oscar Siqueira. **Aprendendo com o outro: os árabes em Florianópolis.** 2009. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFC, Fortaleza.

RABOSSI, Fernando. **Árabes e muçulmanos em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este: notas para uma reinterpretação.** In: *Mundos em Movimento: Ensaios sobre migrações.*

SCHUMPETER, Joseph A. Os economistas. **A teoria do desenvolvimento econômico.** Abril Cultural. São Paulo. 1997

SPINDOLA, Thelma. SANTOS, Rosângela da Silva. **Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?).** Rev. Esc. Enfermagem da USP, São Paulo, 2003, 37 (2) p. 119-26.

TRUZZI, Oswaldo. **Patrícios: Sírios e Libaneses em São Paulo.** São Paulo: Hucitec, 1997.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1987.

_____. **Conceitos básicos da sociologia.** São Paulo: Centauro, 2002.